

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Volume 21



Santiago de Compostela

2014

A AIL — Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como copatrocina eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. A sua sede localiza-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos diretivos são a Assembleia Geral dos sócios, um Conselho Diretivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. O seu património é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudantes aceites pelo Conselho Diretivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembleia Geral.

Conselho Diretivo

Presidente: Elias J. Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela
eliasjose.torres@usc.es

1.º Vice-Presidente: Cristina Robalo Cordeiro, Univ. de Coimbra
cristinacordeiro@hotmail.com

2.º Vice-Presidente: Regina Zilberman, UFRGS
regina.zilberman@gmail.com

Secretário-Geral: Roberto Samartim López-Iglésias, Univ. da Corunha
rlopez-iglesias@udc.es

Vogais: Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Ettore Finazzi-Agrò (Univ. de Roma «La Sapienza»); Helena Rebelo (Univ. da Madeira); Laura Cavalcante Padilha (Univ. Fed. Fluminense); Manuel Brito Semedo (Univ. de Cabo Verde); Onésimo Teotónio de Almeida (Univ. Brown); Pál Ferenc (Univ. Elme de Budapeste); Petar Petrov (Univ. Algarve); Raquel Bello Vázquez (Univ. Santiago de Compostela); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro); Thomas Earle (Univ. Oxford).

Conselho Fiscal

Carmen Villarino Pardo (Univ. Santiago de Compostela); Isabel Pires de Lima (Univ. Porto); Roberto Vecchi (Univ. Bolonha).

Associe-se pela *homepage* da AIL: www.lusitanistasail.org
Informações pelo *e-mail*: secretaria@lusitanistasail.org

Veredas

Revista de publicação semestral

Volume 21 — 1º semestre de 2014

Diretor:

Elias J. Torres Feijó

Editora:

Raquel Bello Vázquez

Conselho Redatorial:

Andrés José Pociña Lopez, Universidade de Extremadura, Espanha.

Anna Maria Kalewska, Universidade de Varsóvia, Polónia.

Axel Schönberger, Universität Leipzig, Alemanha.

Carmen Villarino Pardo, Universidade de Santiago de Compostela, Galiza.

Clara Rowland, Universidade de Lisboa, Portugal

Helder Macedo, King's College de Londres, Reino Unido

Maria Luísa Malato Borralho, Universidade do Porto, Portugal.

Sebastião Tavares Pinho, Universidade de Coimbra, Portugal.

Sérgio Nazar David, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil

Ulisses Infante, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Vera Lucia de Oliveira, Università degli Studi di Perugia, Itália

Por inerência:

Benjamin Abdala Junior, Universidade de São Paulo, Brasil.

Cristina Robalo Cordeiro, Universidade de Coimbra, Portugal.

Ettore Finazzi-Agrò, Universidade de Roma «La Sapienza», Itália.

Helena Rebelo, Universidade da Madeira, Portugal.

Laura Cavalcante Padilha, Universidade Federal Fluminense, Brasil.

Manuel Brito Semedo, Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde.

Onésimo Teotónio de Almeida, Brown University, EUA.

Pál Ferenc, Universidade ELTE, Hungria.

Petar Petrov, Universidade do Algarve, Portugal.

Regina Zilberman, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Brasil

Roberto Samartim López-Iglésias, Universidade da Corunha, Galiza.

Teresa Cristina Cerdeira da Silva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

Thomas Earle, Universidade de Oxford, Reino Unido.

Redação:

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Endereço eletrónico: veredas@lusitanistasail.org

Desenho da Capa: Campus na nube, Santiago de Compostela, Galiza

ISSN 0874-5102

AS ATIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES

SUMÁRIO

ANTONIO PAULINO DE SOUSA	
O editor e as novas condições de produção do livro.....	5
ÉRICO MELO	
A geografia do romance brasileiro no século XX: esboço de roteiro.....	28
HELENA REBELO	
NULITA GOMES	
Património linguístico: um estudo lexical na lombada da Ponta do Sol.....	45
LUCA FAZZINI	
Fragmentação da experiência e reescrita na pós-modernidade: a tradição inesiana e a interpretação de Herberto Helder.....	62
MOIZEIS SOBREIRA	
A ficção camiliana no âmbito dos estudos literários: uma dívida ainda por saldar.....	77

Património linguístico

Um estudo lexical na lombada da Ponta do Sol

HELENA REBELO

Universidade da Madeira
(Portugal)

NULITA GOMES

Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol
(Portugal)

RESUMO:

“O Rapazinho da Lombada” de Mariana Xavier da Silva é estudado nas aulas de Português da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol (Madeira – Portugal) pelos alunos do 6º ano. Estes não revelam ter muitas dificuldades em entender a versão adaptada daquele texto do século XIX, que contém um vasto património lexical com inúmeras particularidades regionais e populares.

Dada esta experiência, procurámos compreender se muito do léxico presente naquele texto é conhecido pela população, permanecendo actual. Neste sentido, seleccionaram-se 138 termos organizados por ordem alfabética e, com eles, preparou-se um questionário que foi aplicado a duas gerações da Lombada da Ponta do Sol (Arquipélago da Madeira): pais e filhos. Damos conta dos resultados obtidos para os filhos (crianças de 5º ano) e respectivos encarregados de educação (adultos) para entender a vitalidade de uma parte do nosso património linguístico.

PALAVRAS-CHAVE: património linguístico; Região Autónoma da Madeira; léxico; regionalismos e populismos; usos e desusos linguísticos.

ABSTRACT:

“O Rapazinho da Lombada” by Mariana Xavier da Silva is studied in the Portuguese classes of Primary and Secondary School of Ponta do Sol (Madeira – Portugal) by students in the 6th grade who do not show much difficulty in understanding the adapted version of that text from

the 19th century, which contains a large lexical heritage with numerous regional and popular details.

Based on the above mentioned situation, we tried to understand if the lexicon used in that text is known by the population and if it remains current. A total of 138 words organized in alphabetical order was prepared and, with it, a questionnaire was administered to two generations of the Lombada da Ponta do Sol (Madeira Archipelago): parents and children. We report on the results obtained for both the 5th grade children and their parents so that the vitality of some of our linguistic patrimony can be understood.

KEYWORDS: linguistic patrimony; Madeira; lexicon; populism and regionalism; uses and linguistic disuses.

Data de receção: 19/06/2013

Data de aceitação: 17/08/2014

1. Tema e Problema

O presente trabalho de pesquisa trata de um património linguístico com um forte cariz madeirense. É constituído por léxico extraído da narrativa “O Rapazinho da Lombada”¹ de Mariana Xavier da Silva, incluída na obra *Na Madeira – Offerendas*, publicada em finais do século XIX, em Lisboa. A autora deste texto passou vários anos na ilha da Madeira e, conhecendo as especificidades regionais a todos os níveis, incluindo as linguísticas, procurou reproduzir o falar regional na escrita. Ela própria o afirma e o procedimento foi comprovado, por exemplo, na narrativa acima referida. Aliás, desde o século XIX, há registos do interesse pela variedade dialectal madeirense, mas só mais recentemente os estudos descritivos e reflexivos (por exemplo: REBELO, 2005-2006, 2007, 2008, 2009) sobre esta variedade do português ultrapassam o simples levantamento lexical, nomeadamente os vocabulários ou glossários, que têm proliferado por este tema possuir um manancial quase inesgotável. Além disso, a representação escrita do registo oral madeirense tem sido um processo linguístico e literário recorrente em diversos autores, sobretudo de ficção regional (REBELO, 2005-2008). Pela grafia, procuram reproduzir o modo de dizer e a fala espontânea de personagens representativas do povo. Assim, a escrita de algumas palavras do texto em estudo segue de perto a pro-

¹ Não interessava, aqui, ter em conta o texto original publicado por Mariana Xavier da Silva, mas a versão impressa e em circulação para estudo na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, na ilha da Madeira (cf. *hiperligação*: <http://www.ebpsol.com/>). Entre ambas, há diferenças gráficas, como é óbvio, já que a versão estudada no referido estabelecimento de ensino adaptou a grafia da versão original, por esta conter especificidades ortográficas de finais do século XIX. Contudo, a versão adaptada ao ensino regional (neste caso, mesmo local) mantém termos e detalhes linguísticos que Mariana Xavier da Silva revela, o que explica o interesse desta adaptação do original. Na *internet*, encontram-se algumas versões. Veja-se, por exemplo, a da seguinte *hiperligação*: http://www.oocities.org/mare_sol2001/rapazinho_lombada.htm, com última consulta realizada a 30-08-2014.

núncia local que tem muito de popular, como se pode constar com “coive”, “piqueno”, “anadou”, etc.

Ao longo daquela breve narrativa, Mariana Xavier da Silva utiliza um vocabulário considerado como caracteristicamente madeirense (por exemplo: “a Festa” para “o Natal”, “a Cidade” para designar exclusivamente “o Funchal”, que foi, durante muito tempo, a única cidade do arquipélago, “furado” para “túnel”, “ali além” para “além”, assumindo igualmente uma forma como “l’além” em usos que, ainda hoje, se vão ouvindo), com alguns juízos de valor à mistura (“presenciei em muitas ocasiões os camponezes – a que na Madeira dão o nome feio de vilões e viloados”). Retrata, essencialmente, os dizeres da população da Lombada², um pequeno povoado situado no concelho da Ponta do Sol, localidade da costa sul da ilha da Madeira, que reencontramos no título do texto porque é o lugar onde decorre toda a história narrada. Esta terá um fundo real. No início do texto, a autora sublinha que passou lá um Verão (“No ano de 187... fui passar o Verão para a Lombada.”) e lhe contaram o caso sobre o qual escreve. A narração é feita na primeira pessoa do singular, identificando-se a autora com a narradora, mas cedendo, a determinado momento, o contar da história a uma vizinha da casa onde veraneava (“Reparei que a mulher desejava conversar comigo e quis ouvi-la.”), o que justifica a representação da fala local, regional e popular, evidenciada no texto.

Presentemente, a narrativa “O Rapazinho da Lombada” faz parte do programa de 6.º ano de Português da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol. De acordo com os docentes desta disciplina, a maioria dos alunos consegue compreendê-la sem grandes dificuldades, significando, portanto, que os vocábulos e as expressões empregues pela autora em 1878 (adaptados à ortografia anterior ao *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* de 1990) não perturbam a leitura e a compreensão do texto por jovens leitores do século XXI. Face a este fenómeno, interessou-nos compreender se estaria actual, estando em uso ou desuso, algum do léxico textual, essencialmente o regional e o popular, mas também uns quantos termos de um nível de língua corrente como “inhame” e outros que pensamos estarem com pouco uso como “arroba” ou “alqueire”. Assim, o problema de fundo sobre o tema do património linguístico da referida obra subdividiu-se em duas partes: 1) Em que medida aquele vocabulário é, em inícios do século XXI,

² Situada na zona da Ponta do Sol, a Lombada é uma localidade predominantemente rural, tendo, segundo os últimos censos, 4575 habitantes (2110 de sexo masculino e 2465 de sexo feminino), com um total de 2418 alojamentos. Por razões históricas, e segundo as fontes existentes, a população ali residente, sendo essencialmente de origem portuguesa, recebeu a influência de escravos, estrangeiros e foragidos (RIBEIRO: 1993, 15). Nos primeiros tempos da colonização, João Gonçalves Zarco reservou para si, e os filhos, várias lombadas e extensos terrenos da Madeira. Rui Gonçalves da Câmara foi o contemplado com a lombada «que ia do mar à serra e se estendia da ribeira de Caixa até à ribeira da Ponta do Sol» (SILVA: 1998, 278). Em 1473, o genovês João Esmeraldo terá aforado este território por 600\$000 réis e a renda vitalícia anual de 150\$000 réis, um ano antes de o proprietário ter partido para a ilha de S. Miguel. Segundo Gaspar Frutuoso (1968), João Esmeraldo teria cerca de oitenta escravos e chegou a fabricar vinte mil arrobas de açúcar por ano. Até 1835, devido à importância que João Esmeraldo tivera, a Lombada da Ponta do Sol era também conhecida como a Lombada dos Esmeraldos, pertencendo à jurisdição do Funchal.

conhecido pela população da Lombada, nomeadamente das gerações mais novas? 2) Sendo conhecido, até que ponto é usado? Com o objectivo de responder a estas questões, que fundamentam o nosso tema e o problema equacionado, seleccionámos léxico de “O Rapazinho da Lombada”, tido, na sua maioria, como regional e/ou popular (VERDELHO: 1982). Após várias leituras, foi elaborada uma listagem de termos (cf. coluna 1 do ANEXO I), no sentido de ser aplicada num questionário.

2. Questionário e Inquiridos

Foi organizado em três partes um questionário escrito, após a selecção de 138 vocábulos e expressões. Quanto à significação dos elementos, apoiámo-nos, sobretudo, em Caldeira (1993). Além de uma parte introdutória para recolher dados biográficos, incluindo o sexo e as habilitações literárias, o questionário continha uma secção principal com duas perguntas subjacentes. Uma delas reportava-se ao **conhecimento** da significação do léxico elencado (“Conhece o significado de x? Se conhece, que significado lhe atribui? Exemplifique.”). A outra era relativa ao **uso** lexical dos elementos extraídos do texto (Costuma utilizar x muitas vezes, algumas vezes ou nunca?). Pretendíamos que fosse de resposta fácil. Então, para a vertente do uso, aplicámos o método de assinalar as respostas com cruces. Em termos metodológicos, outro modo de operar não permitiria contemplar uma selecção tão alargada de elementos quanto propúnhamos. Contudo, no plano do conhecimento lexical, tivemos de deixar um espaço para os inquiridos darem exemplos e explicarem o significado dos termos. A parte final era aberta porque incidia sobre o conhecimento da narrativa em si e de algum vocabulário extratextual tido como regional ou popular.

Por razões práticas, foi distribuído aos inquiridos em formato papel. Propositadamente, os elementos extraídos do texto figuravam sem a indicação de qualquer contexto. Não quisemos orientar, nem indicar pistas, dando pela liberdade aos inquiridos. Esta situação poderá ter condicionado determinadas respostas, quanto ao conhecimento lexical, mas era, no fundo, o que se pretendia testar. Além desta opção pela não contextualização, sabíamos que os dados relativos à utilização do léxico evidenciariam apenas a consciência que os inquiridos têm dos seus próprios usos linguísticos efectivos. Frequentemente, pela falta de auto-reflexão e pelo fraco domínio metalinguístico, muitos falantes nem têm plena consciência do seu idiolecto. Costumam, porém, prestar atenção, mesmo se nem sempre isso sucede, ao dialecto, por este pertencer à colectividade, a si e aos outros, tendo marcadamente valor patrimonial. Aliás, na parte III do questionário, por possuírem alguma sensibilidade para as especificidades regionais, vários foram os informantes que assinalaram o que consideraram ser “regionalismos” que não figuravam na listagem do questionário. Foi o caso de: “azoigar”; “bilhardeira”; “tarraço”; “balaio”; “coxo do porco”; “hiró”; “ah... povo enganado...”; “ar encanado”;

“brage do porco”; “xicra” e “canjirão”. Grafaram-nos de forma variada, conforme, cremos, as maneiras de os pronunciarem. Portanto, apesar da não contextualização dos elementos apresentados e do raro sentido metalinguístico dos falantes, a questão da utilização lexical impunha-se para compreender até que ponto aquele léxico (o termo e a significação) continua, ou não, em uso nas novas gerações da área geográfica circunscrita.

O questionário foi aplicado a inquiridos da Lombada da Ponta do Sol, a localidade reportada no texto, nomeadamente a crianças de 5º ano de escolaridade e respectivos pais (ou mãe ou pai) que eram encarregados de educação. Foi ainda inquirida a geração mais idosa, acima dos 50 anos, cujos questionários merecerão uma análise individualizada, pelas características diferenciadoras desta faixa etária. Os dados desta parte da população menos escolarizada (a geração dos avós) apresentar-se-ão num futuro trabalho. É importante salientar que as crianças inquiridas não conheciam o texto e que a generalidade dos pais (isto é, “os adultos”), mesmo se alguns já o tinham lido, não possuíam dele um conhecimento efectivo na altura do preenchimento. No total, devidamente validados, considerámos os questionários de 15 crianças (dos 10 aos 12 anos) e de 15 adultos (dos 32 aos 45 anos). É de salientar que a maioria destes inquiridos possui o 12º ano de escolaridade. Os encarregados de educação das crianças preencheram o questionário fora do espaço escolar, devolvendo-o posteriormente. As crianças responderam ao questionário no dia 11 de Março de 2012, na escola acima mencionada, numa aula de Estudo Acompanhado, sob a orientação da docente Nulita Gomes.

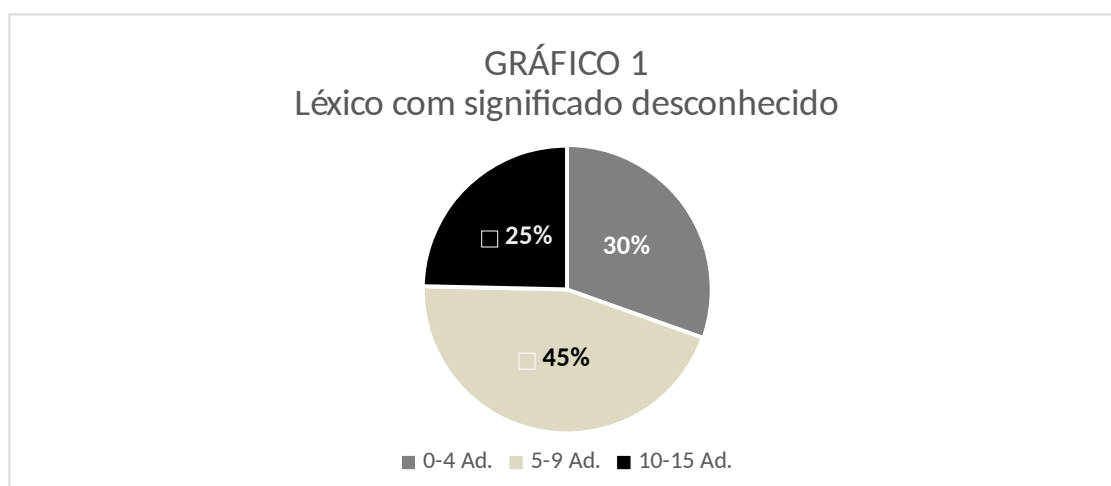
3. Análise dos Resultados

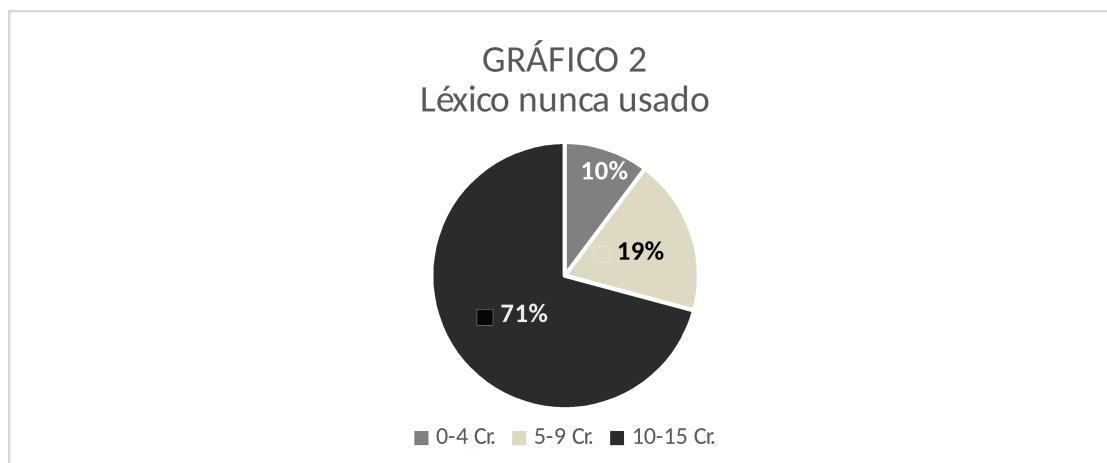
O tratamento dos 30 questionários permitiu a recolha de muitos dados, que foram compilados em tabelas, a fim de possibilitar uma visão global, mas tão detalhada quanto possível, dos resultados. Por serem excessivamente longas, ocupando diversas páginas com dados parciais e globais, optámos por não as incluir aqui, ficando apenas uma grelha em anexo. Damos, por isso, conta dos resultados específicos obtidos nos questionários. Apresentamos uma leitura sistematizada para os dois grupos de inquiridos, separadamente de início e com um cotejo final. Reportamo-nos ao conhecimento lexical e à utilização do património linguístico extraído do texto “O Rapazinho da Lombada”, quer pela positiva (léxico “conhecido”/ “usado”, “mais conhecido”/ “mais usado”), quer pela negativa (léxico “desconhecido”/ “desusado”, “pouco conhecido”/ “pouco usado”). Nos subpontos que se seguem, detalhamos cada um dos casos.

3.1. Dados relativos às crianças inquiridas

De entre o léxico mais conhecido pela nova geração, destacam-se, por ordem alfabética: “ajuntar”, “a cidade”, “ali além”, “atentar”, “brigar”, “coive” (único vocábulo cujo significado é conhecido pelos quinze inquiridos), “embarcara”, “dava panquisso na mulher”, “é de lá de fora”, “levada”, “Lombada”, “Jangão”, “oiça”, “oiro”, “não me alembra”, “piqueno”, “pancume”, “reles”, “sítio”, “trapinho velho”, “vigia”. Os sublinhados assinalam os termos que, também, usam mais. Relativamente ao que desconhecem, os resultados estatísticos do Gráfico 1 falam por si. As respostas de 10 a 15 crianças (Cr.) indicam desconhecimento de 45% do léxico facultado. Se alargarmos a observação do número de respostas das crianças (das 5 às 15), constatamos que atinge os 80%.

Quanto aos termos mais utilizados, foram indicados os seguintes elementos: “anadava”, “ajuntar”, “ali além”, “atentar”, “brigar”, “coive”, “caminha” (usado com significado diferente do do texto), “debulhar” (empregue com significado distinto do textual), “é de lá de fora”, “levada”, “Lombada”, “Jangão”, “oiça”, “oiro”, “nespreira”, “pancume”, “pereiros”, “reles”, “trapinho velho”, “vigia”, “vilões” (utilizado com outro significado). Relativamente ao léxico “nunca usado”, o GRÁFICO 2 é revelador. É diminuto o uso dos termos inquiridos, por parte da nova geração da Lombada da Ponta do Sol. A maioria de respostas (de 10 a 15 crianças) apresenta 71% para o parâmetro “nunca usa”. Se olharmos para o conjunto das respostas de 5 às 15 crianças, observamos que estas “nunca usam” 90% do património lexical extraído do texto.





Dos GRÁFICOS 1 e 2, concluímos que nem sempre o léxico indicado como mais conhecido corresponde ao mais usado, como se pode atestar nas enumerações anteriores (cf. termos sublinhados). Isso não surpreende, já que o conhecimento e o uso não têm de ser convergentes. Comparando os dados, quanto ao léxico mais conhecido e o indicado como mais usado, há divergências, mas também convergências, visto que alguns dos mais conhecidos são, igualmente, os mais usados. Os termos nestas condições correspondem a mais de uma dezena, o que não é significativo. O desfazamento entre o conhecimento e o uso poderá dever-se à fraca consciência linguística das crianças. Elas falam naturalmente, sem grande capacidade reflexiva porque ainda não a ganharam. As respostas desta geração indiciam que os vocábulos e as expressões conhecidos são, todavia, pouco usados. Um número substancial destas crianças de 5º ano admite desconhecer (e nunca usar) aquele património linguístico que consta do texto que os colegas de 6º ano de escolaridade dizem não ter dificuldade em compreender. Esta aparente contradição – o desconhecimento não se coaduna com a compreensão – não deixa de ser surpreendente. Poderá evidenciar a importância que o texto joga na compreensão lexical ou, então, que um ano de escolaridade faz a diferença no domínio do vocabulário.

A questão do desconhecimento do texto e, conseqüentemente do contexto, poderá colocar-se, tendo influenciado os dados obtidos. O facto de as crianças não terem acesso aos contextos (de índole verbal) de onde foram retirados os vocábulos e as expressões terá condicionado as suas respostas, mas atesta o real conhecimento e uso das unidades linguísticas por parte destes falantes. Todavia, isto explicará, decerto, a atribuição, aos elementos inquiridos, de acepções diferentes das do texto. A título de exemplo, “caminha” foi um termo classificado como o diminutivo do substantivo comum “cama”, atribuindo-lhe o significado de “cama de dormir”, em vez de uma forma verbal de “caminhar” com o sentido de “ir embora”, muito em uso na Região Autónoma da Madeira. Isto revela que a primeira associação ao termo é o do diminutivo fre-

quente na linguagem infantil e não a forma verbal com vigor regional. Portanto, não será por acaso que as palavras e expressões mais conhecidas são aquelas que ainda persistem na linguagem corrente, marcadamente de nível popular, como “coive”, “piqueno” e “ajuntar”. Para compreender os resultados, no seu todo, pensamos que será indispensável considerar a realidade sócio-cultural envolvente das crianças. Não reconhecerão muitos termos porque não fazem parte do seu quotidiano, do vocabulário diário dos ambientes onde se movem. Sucederá, por exemplo, com “arca dos órfãos” e “vapores”. Além do mais, a escolaridade (com o acesso à língua padrão através de vários docentes provenientes de diversas origens geográficas, incluindo continentais) e os meios de comunicação (com predominância da televisão por cabo, satélite ou digital, mas igualmente das novas tecnologias, sobretudo a *internet*) também poderão contribuir para que múltiplos vocábulos caiam em desuso na variedade falada por esta nova geração da Lombada da Ponta do Sol. Estas são hipóteses interpretativas que não foram aqui testadas por saírem do âmbito deste estudo. Não deixamos, todavia, de as esboçar porque perpassam na leitura interpretativa dos resultados conseguidos. Inequívoco é, porém, que um conjunto considerável dos vocábulos e das expressões existentes no texto “O Rapazinho da Lombada”, de que dá conta Mariana Xavier da Silva, em finais do século XIX, já não é utilizado pelas crianças da Lombada, representadas pelas inquiridas, no início do século XXI.

O reduzido domínio lexical destes inquiridos parece insignificante, quando é elencado o que é desconhecido por todas as crianças questionadas (27 elementos do total de 138), mas compreende-se a sua dimensão quando é confrontado com o que é conhecido pelas 15 crianças (1 nos 138). No intervalo de 1 a 27 vocábulos, há um alargado subconjunto conhecido por um número variável de crianças. De forma a cruzar as múltiplas respostas, quanto ao conhecimento e ao uso do património linguístico aqui em causa, optámos, por apresentar, em gráficos, percentagens pelos seguintes grupos de respostas coincidentes: respostas dadas das 0 (nenhuma criança respondeu) às 4 crianças, das 5 às 9 e das 10 às 15.

Do todo, constatamos que são apenas 23 os termos nunca usados por todas as 15 crianças inquiridas, o que é quase irrelevante. São os seguintes: “arco de castanheiro”, “arengas”, “arca dos órfãos”, “desancar as cadeiras”, “estava nas suas sinas”, “embustices”, “este folhetim”, “esta história do fio”, “esfrie”, “fazia falas ao povo”, “groguesinho”, “gerne”, “impribido”, “laços cadeados”, “machete de braga”, “não queria que ele botasse trovas à filha”, “que tirasse o sentido da rapariga”, “quase que investiam”, “rez” (“rês” – grafado diferentemente no texto, como muitos outros vocábulos), “raivava”, “terreo”, “trovar” e “vai-te arreque”. Se observarmos de mais perto os resultados (o léxico utilizado face ao número de crianças), nenhum termo é usado por mais de oito delas.

Segundo as respostas obtidas, os usos pessoais são em maior número do que os colectivos. Houve 33 termos identificados como de uso corrente por uma criança, enquanto 2 (“anadava” e “levada”) são usados por oito das quinze inquiridas. É francamente impressionante este reduzido resultado quanto ao uso do léxico extraído do texto para constituir o questionário. Há, na ilha da Madeira, diversas lombadas e só algumas delas têm, efectivamente, esse topónimo. Não deixa de ser curioso que as quinze não digam usar “Lombada”, o próprio nome do lugar onde residem. Pode dever-se ao facto de não terem estabelecido uma relação directa com o local de residência, embora viesse no questionário com maiúscula. Provavelmente, pela sua tenra idade, não farão referência usual ao “sítio” (povoação) onde moram, identificando-o, sobretudo, como “a casa” familiar. É uma hipótese para este caso. No geral, os resultados são elucidativos. Revelam tanto um parco conhecimento, como um fraco uso do património linguístico testado no questionário. Embora com várias diferenças, o mesmo se poderá dizer quanto aos adultos inquiridos.

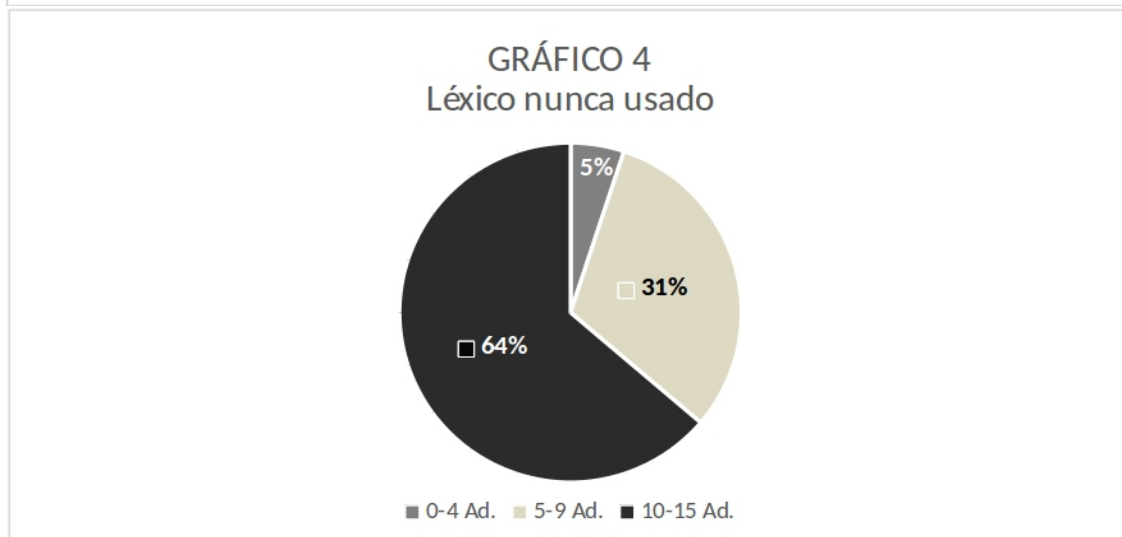
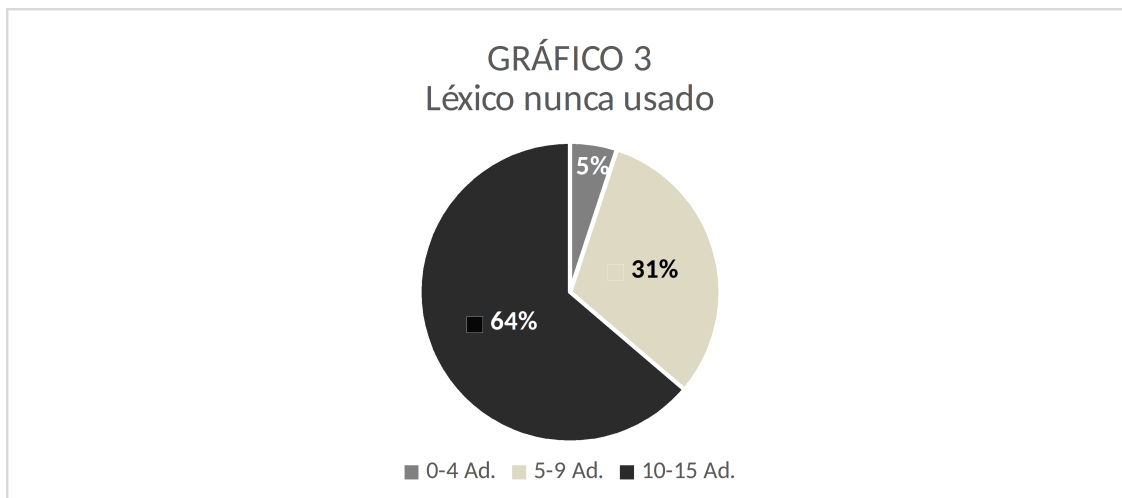
3.2. Dados relativos aos adultos inquiridos

De acordo com as respostas dos adultos, verificamos que um elevado número de vocábulos e de expressões é desconhecido pelos adultos. Do conjunto testado, o mais conhecido engloba poucos termos, como atesta a seguinte enumeração: “aroba”, “ali além”, “ajuntar”, “coive”, “crianço”, “brigar”, “é de lá de fora”, “embarcara”, “dava panquisso na mulher”, “inhome”, “levada”, “Lombada”, “oiro”, “não me alembra”, “nespreira”, “patacas”, “pancume”, “poncha”, “sítio”, “trapinho velho” e “vigia”. Entre os mais utilizados, destacam-se: “aroba” (o que contraria a ideia deste termo estar em desuso), “acomodou”, “ajuntar”, “anda no caminho”, “coive”, “brigar”, “caminha”, “dei-lhe a confiança”, “debulhar”, “levada”, “Lombada”, “Jangão”, “oiro”, “olhado”, “oiça”, “poncha”, “pereiros”, “pancume”, “sítio”, “vinham contentes de bebida” e “somenos”. Nem todos os mais conhecidos são identificados como mais usados. Todavia, há algum ponto de intersecção entre ambos os conjuntos, como evidenciam os nove termos que sublinhámos, já que são comuns ao subconjunto do léxico com maior conhecimento e, simultaneamente, ao de uso mais frequente. Quanto ao desconhecimento lexical dos adultos, como para as crianças, poderá justificar-se devido às alterações, ao longo dos anos, das vivências quotidianas porque também não manifestaram conhecer, por exemplo, “arca dos órfãos” e “vapor”. Todavia, este último termo representa uma realidade que deverão ter visto na infância, porquanto as ligações marítimas entre diversos pontos geográficos no Atlântico eram feitas por meio de embarcações chamadas “vapores”. Passavam pela Madeira, embora se concentrassem no Funchal e não na Ponta do Sol.

Considerando os resultados obtidos, parece-nos válido afirmar que, além das mudanças culturais do meio envolvente, também originarão alguma perda de património-

nio linguístico regional a crescente escolarização (com, por certo, ganhos linguísticos, nomeadamente a nível do léxico geral) e a influência dos meios de comunicação social. Ao contribuírem para um maior “enriquecimento cultural” da população, abrindo-lhe alguns horizontes, fizeram com que muitos dos vocábulos e das expressões “herdados do passado”, das anteriores gerações, deixassem de fazer parte do seu vocabulário linguístico corrente. Constatamos, todavia, que bastante léxico do questionário ainda é conhecido e utilizado por alguns adultos, não estando, portanto, a perda totalmente consubstanciada. Poderá significar que, embora muito vocabulário caia em desuso, outro, provavelmente porque mais corrente e necessário no dia-a-dia, permanece ao longo dos tempos. Além disso, é de realçar, como sucedeu com as crianças, que a muitos dos vocábulos e das expressões, os inquiridos atribuíram significados diferentes dos textuais. O que era expectável, mas não na proporção registada. O facultar o texto, ou o contexto, teria provavelmente dado resultados distintos, mas estes teriam sido condicionados, limitando-se, à partida, as possibilidades de resposta dos inquiridos quanto à significação dos elementos lexicais testados no questionário. Todavia, é indispensável relembrar que alguns adultos conheciam a narrativa “O Rapazinho da Lombada”, mas não a terão associado a este inquérito. Da totalidade dos elementos extraídos do texto, é de salientar que, nas respostas obtidas, não há nenhum termo cujo significado seja conhecido pelos quinze adultos, enquanto todas as crianças disseram conhecer a realização popular “coive”. Não deixa de ser curioso constatar que os adultos desconheçam o termo “busio”, já que o ouvimos, quotidianamente, à população em geral, quando precisa de silêncio.

No grupo de respostas de 10 a 15 adultos (Ad.), a percentagem de léxico cujo significado é desconhecido é de 25% (cf. GRÁFICO 3), o que não é considerável. Porém, este dado adicionado ao conjunto de respostas de 5 a 9 adultos atinge os 70%, o que é considerável. À luz de tudo o que ficou exposto, podemos afirmar que, na generalidade, os dados dos adultos não fogem muito aos registados nas crianças, revelando, contudo, estas um maior desconhecimento, o que não é surpreendente por estarem ainda numa fase de crescimento e de aquisição lexical.



Relativamente aos desusos, do léxico nunca usado por todos os adultos inquiridos, constam 16 termos, a saber: “arrumar malhões”, “abafadas”, “arco de castanheiro”, “arca dos órfãos”, “chácaras”, “esta história do fio”, “faz um criado”, “fazia falas ao povo”, “gerne”, “laços cadeados”, “machete de braga”, “não queria que ele botasse trovas à filha”, “que tirasse o sentido da rapariga”, “raivava”, “ti” e “vai-te arreque”. Do conjunto, sobressai o grupo dos 10 aos 15 inquiridos, cujas respostas atingem 64%, uma percentagem bem significativa. Adicionando-lhe os 31% do grupo dos 5 a 9, a percentagem de respostas atinge os 95%. Isso indica que um bem pequeno grupo ainda usa algum do vocabulário testado. No conjunto dos elementos mais usados, constatamos que são 33 os utilizados apenas por um adulto e nove inquiridos afirmam não utilizar nenhum termo. Ora, se recordarmos que foram quinze os auscultados acerca de 138 elementos lexicais, facilmente se depreende que muito do léxico extraído do texto não será utilizado pelos residentes adultos da Lombada. Cruzando os dados, isto é, na relação entre a quantidade de léxico muitas vezes utilizada pelo número de adul-

tos, constatamos que, como seria expectável, quanto maior o número de adultos considerado, menor é o número de respostas convergentes, o que já sucedia nas crianças. Não deixa, porém, de ser curioso realçar que “Lombada”, o nome da localidade de residência, tenha sido indicado como muitas vezes usado por apenas cinco adultos, fenómeno semelhante já se tinha observado nas crianças. O termo “levada” é o “mais usado” pelo maior número de adultos, tendo obtido seis respostas. A partir dos sete adultos, e indo até aos quinze, mais nenhum vocábulo foi considerado, o que não tinha acontecido com as crianças, em que o termo “coive” era usado pelas quinze inquiridas. Há, assim, dados que mereceriam ser analisados detalhadamente para compreender fenómenos semelhantes a este. Todavia, tal procedimento não será, aqui, viável empreender.

Para encerrar esta análise dos resultados dos inquéritos, cabe fazer, agora, uma comparação sumária das respostas das duas gerações da população da Lombada da Ponta do Sol abrangidas pelo questionário. Consideraremos, a totalidade dos dados obtidos para podermos ter uma visão geral, quer do conhecimento/desconhecimento lexical, quer do uso/ desuso do património linguístico compilado.

3.3. Comparação dos dados das crianças e dos adultos

Numa análise comparativa global entre as duas gerações inquiridas (pais e filhos / adultos e crianças), concluímos que muito léxico presente no questionário é desconhecido por ambos os grupos, embora com uma ligeira diminuição por parte dos pais. Isto significará que conhecem mais termos da linguagem popular e regional do que os filhos, o que era expectável. Esta constatação explica-se, muito provavelmente, pela idade, pela experiência de vida e pela influência do meio envolvente. Comprovamos, assim, uma ideia generalizada, já que as crianças estão em fase de maior aprendizagem do que os pais. Verificámos, igualmente, que muitos vocábulos e expressões ainda continuam a fazer parte da comunicação diária tanto das crianças como dos adultos, mesmo se em número reduzido. Significará que, apesar de todas as influências exteriores, incluindo da língua padrão, tem subsistido, pelo tempo fora, algum léxico regional e popular. É um património que vai passando de geração em geração, num processo constante de empobrecimento-enriquecimento, isto é, de desaparecimento-aparecimento, como observamos pelos dados sintetizados nas TABELAS 1 e 2 e nos GRÁFICOS 5 e 6. Contabilizando a totalidade das respostas obtidas (4 140, ou seja, duas vezes 2 070), numa relação directa entre o número de inquiridos (15 crianças e 15 adultos) a multiplicar por todos os elementos linguísticos (138), quer relativamente ao conhecimento do significado dos termos presentes no texto, quer ao uso que os inquiridos fazem deles, é possível, a nível numérico, obter uma visualização geral dos dados, bastante esclarecedora.

Dos resultados obtidos, temos de ter em conta a diferença de significação para os termos presentes no texto. Aliás, o facto de propor o termo isolado, ou seja, sem contexto, deveria levar o falante a assinalar os diversos sentidos que um termo pode ter. Foram vários os casos apontados, entre os quais assinalamos: “**barbiça**”: batata-doce / barba, “**debulhar**”: descascar, “**caminha**”: cama, “**arrecebia-se**”: recebia-se, “**batata**”: murro na cara / homem grande, “**desancar as cadeiras**”: rebentar as cadeiras, “**deitar cartas**”: jogo de cartas / deitar cartas no correio, “**é um prenda**”: é uma prenda / um presente, “**embustices**”: mentiras, “**gorgulhinho**”: bicho, “**marcharam**”: os soldados marcharam, “**que tivesse arranjo**”: que tivesse conserto, “**trovar**”: trovejar, “**vestia**”: vestia a roupa, “**chácaras**”: chácaras, “**arremedando**”: remendando a roupa, “**contas**”: cálculos / terço, “**nadinha**”: nada, “**acomodou**”: deitou na cama / aconchegou, “**moços**”: criados, “**vilões**”: habitantes da vila, “**desapegar-lhe**”: correr, “**somenos**”: doente / magro / que não presta e “**vapores**”: vapor de água.

TABELA 1
Dados quantitativos globais para o conhecimento (significado)

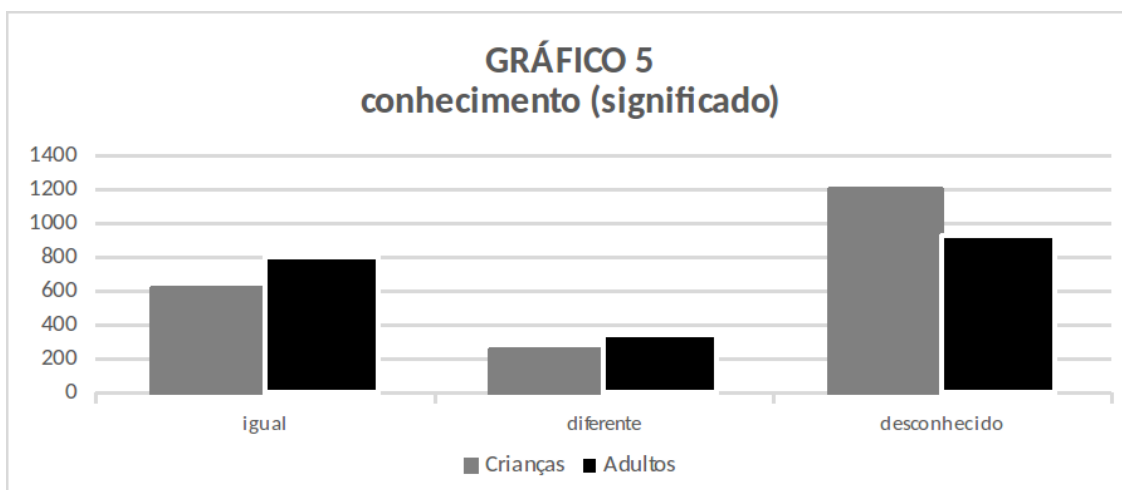
CONHECIMENTO (SIGNIFICADO)	Crianças	Adultos
Igual	616	801
Diferente	255	339
Desconhecido	1 199	930
TOTAIS	2 070	2 070

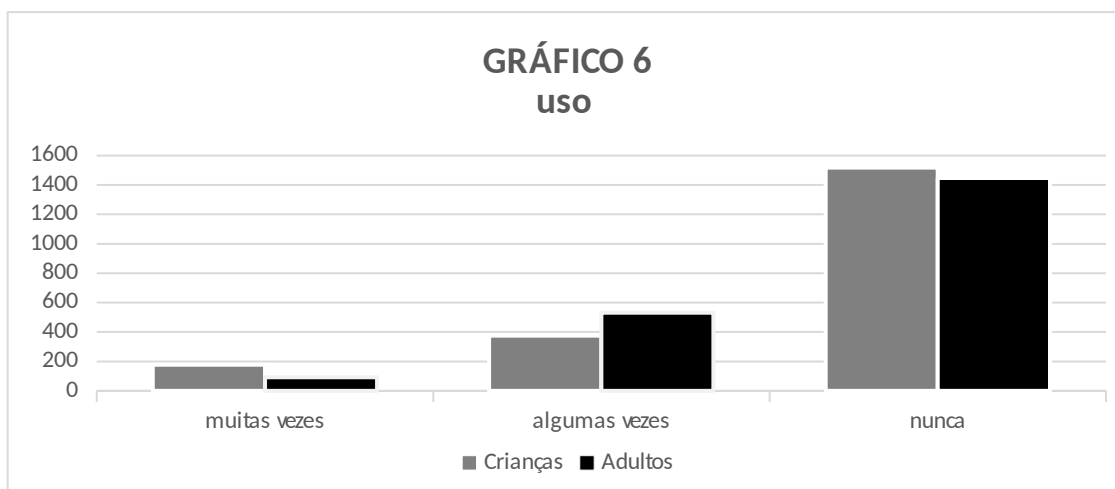
TABELA 2
Dados quantitativos globais para o uso

USO	Crianças	Adultos
muitas vezes	177	92
algumas vezes	376	531
nunca	1 517	1 447
TOTAIS	2 070	2 070

O dado que mais sobressai da análise empreendida e que assume uma importância fulcral deste trabalho é a existência de um considerável desconhecimento dos elementos lexicais extraídos do texto, quer por parte das crianças, quer dos adultos. O fraco uso que fazem deste património linguístico, sobre o qual foram questionados, demonstrará que não sentem necessidade de o manter vivo porque não lhes servirá para as suas necessidades comunicativas quotidianas, o que sucederá em ambas as gerações. Com o GRÁFICO 5, torna-se evidente que o desconhecimento lexical é mais acentuado nas crianças do que nos adultos, como tinha ficado demonstrado.

Apesar de uma crescente alfabetização e de uma grande influência por parte da comunicação social, a população da Lombada da Ponta do Sol continua, no início do século XXI, a conhecer (cf. GRÁFICO 5) e a usar (cf. GRÁFICO 6) vários dos termos e das expressões que fazem parte do seu património linguístico e que Mariana Xavier Silva destacou no texto “O Rapazinho da Lombada”. Presumivelmente, uns utilizam-nos porque desconhecem outra forma de se expressar e outros por influência do meio envolvente. Uns não terão consciência dos seus usos, enquanto outros a terão, mas não revelam usá-los pelas mais variadas razões, incluindo motivos sociais. Ao fraco uso evidenciado (cf. GRÁFICO 6), poderão estar associadas questões de prestígio/ desprestígio social, visto que, muitas vezes, a população em geral faz a distinção entre o “falar bem” (“o falar à política”, “à continental” ou “à lisboeta”: expressões recorrentes no Arquipélago da Madeira) e o “falar mal” (segundo a linguagem, regional, a do povo inculto). No entanto, este poderá nem ter sido o caso nas crianças que ainda não terão esta distinção sócio-linguística enraizada, embora possa ter acontecido com as respostas dos adultos.





4. Síntese conclusiva

A presente investigação assumiu como objectivo fulcral conhecer a vitalidade de uma parte do património linguístico português, com incidência madeirense. Partindo do texto “O Rapazinho da Lombada” de Mariana Xavier da Silva redigido em 1878 (e com grafia adaptada), foi extraído um total de 138 vocábulos e expressões. Todos eles foram submetidos a inquérito. O questionário foi aplicado a nativos da Lombada da Ponta do Sol (Madeira - Portugal), a localidade reportada no texto, nomeadamente a 15 crianças (dos 10 aos 12 anos) e 15 adultos (dos 32 aos 45 anos). Neste sentido, foram formuladas as seguintes questões: 1) Em que medida o vocabulário estudado é, em inícios do século XXI, conhecido pela população da Lombada, nomeadamente das gerações mais novas?; 2) Sendo conhecido, até que ponto é usado?

Dando-lhes resposta, concluímos que, presentemente, múltiplos destes elementos lexicais revelaram não ser nem conhecidos, nem utilizados pelos residentes, como atestam os inquiridos. Enquanto muito do léxico presente no texto *supra* mencionado é desconhecido e ignorado, um número reduzido continua a ser conhecido, mas, através dos resultados obtidos, deduzimos que seja apenas por uma minoria de crianças e adultos. Do desconhecimento de grande parte dos 138 elementos testados, podemos verificar um empobrecimento lexical, pela perda revelada do património linguístico em estudo, pelo menos nos inquiridos. É como se, pelos séculos, houvesse, a par de um enriquecimento lexical, pela importação ou criação de novos vocábulos, um sistemático empobrecimento pelo desuso substancial de muitos outros. Neste duplo movimento de ganho e perda, numa luta de forças entre o uso e o desuso, há, porém, um conjunto lexical basilar que sustém a língua, incluindo a variedade dialectal ou sociolectal, em estudo, fazendo com que se mantenha viçosa. Este conjunto estruturante e elementar poderá ser encarado como o vocabulário de uso generalizado pela grande (nacional, para não dizer internacional) ou pequena (local ou regional) comunidade de

falantes, como a da Lombada ou a da ilha da Madeira. O património linguístico madeirense (e português) será, assim, como um enorme tesouro transmitido de geração em geração, numa comunidade de falantes, que, desconhecendo a totalidade dos bens que herdou, decide da sua gestão, sem ter a noção integral da sua riqueza, gastando alguns bens e preservando outros. Por desconhecimento, devido à vasta quantidade que possui e vai aumentando, não conta as riquezas que se vão deteriorando com o tempo pelo não uso, não se sentindo, por isso, mais pobre, mas sendo-o de facto.

Ficou demonstrado que os representantes das duas gerações inquiridas não conhecem grande parte dos termos testados, nem revelam, habitualmente, usar este vocabulário. Esta perspectiva predominantemente negativa (“desconhecem” e “nunca usam”) corresponderá a um empobrecimento do património linguístico que importa proteger para evitar a sua (inevitável?) extinção. Este nosso estudo sublinha existir uma perda lexical na comunidade linguística, mas, enquanto docentes, sabemos que se vai, também, operando um progressivo enriquecimento vocabular. Os meios ao dispor da população e a crescente alfabetização provocam grande influência no modo de pensar, de agir e de comunicar. Actualmente, é incontestável uma maior utilização da língua padrão, na Região Autónoma da Madeira, nas camadas mais escolarizadas. Poderá colocar em risco não o património linguístico no seu todo, mas uma parte dele, a que está atinente à identidade regional e local, razão pela qual seria conveniente mantê-la viva, preservando-a. Este trabalho evidencia que é fundamental recolher e estudar, em profundidade, o léxico regional e/ou popular em todo o Arquipélago da Madeira, a começar pelas pequenas localidades como a da Lombada da Ponta do Sol. A abertura dos *curricula* escolares a temáticas regionais e a ideia de estudar o texto “O Rapazinho da Lombada” na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol serão meios eficazes de preservar o património linguístico regional e local, dando-o a conhecer às diferentes gerações.

REFERÊNCIAS

- ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Lisboa. *Diário da República*. I Série – A. nº 193 – 23-08-1991. 4370-4388.
- CALDEIRA, Abel Marques. *Falares da Ilha*. Funchal. Serviços Técnicos da Editorial Eco do Funchal. 1993 [2.ªed.].
- FRUTUOSO, Gaspar. *Livro Segundo das Saudades da Terra*. Ponta Delgada (Açores). Instituto Cultural. 1968.
- REBELO, Helena. “Acerca de Algum Vocabulário do Arquipélago da Madeira”: PETROV, Petar (Coord.) Encontro internacional *Lugares da Lusofonia*. Faro. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais / Universidade do Algarve. 2009.
- REBELO, Helena. «A arte de criar palavras ou de “bilhar” à “bilhardice”», publicação *on-line* <http://a-bilhardice.blogspot.com/> e www.ricardobarbeito.com, 2008. Última consulta a 30-08-2014.
- REBELO, Helena. “A Escrita do Falar do Arquipélago da Madeira em Textos do Século XX. Quatro Propostas”, *Actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Da Gali-

- za a Timor. *A Lusofonia em Foco*. 18 a 23 de Julho de 2005. VILLARINO PARDO, Carmen; TORRES FEIJÓ, Elias J. e RODRÍGUEZ, José Luís (org.). Santiago de Compostela. Universidade de Santiago de Compostela. vol. I. 2005-2008. 891-898.
- REBELO, Helena. “Referências Espanholas nos Vocabulários Madeirenses”. *Aula Ibérica. Actas de los congresos de Évora y Salamanca*, MARCOS DE DIOS, Ángel (ed.), *Actas do Congresso Relaciones Lingüísticas y Literárias entre Portugal y España desde el Siglo XIX al Siglo XXI*, Salamanca. Universidade de Salamanca. 2007. 451-462.
- REBELO, Helena. “A Caminho do Brasil: a Madeira. Situação Actual da Língua Portuguesa na Ilha da Madeira” (texto apresentado no Congresso Internacional “500 Anos de Língua Portuguesa no Brasil”, na Universidade de Évora. in revista *Xarabanda*. nº 16. Funchal. Associação Musical e Cultural Xarabanda. 2005-2006. 64-73.
- RIBEIRO, João Adriano. *Ponta do Sol: Subsídios para a História do Concelho*. Madeira. Câmara Municipal da Ponta do Sol. 1993.
- SILVA, Mariana Xavier da. “O Rapazinho da Lombada” in *Na Madeira: Offerendas*. Lisboa. Livraria Ferreira. 1883 (cf. versão adaptada e adoptada na disciplina de Português na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol).
- SILVA, Fernando Augusto; Meneses, Carlos Azevedo. *Elucidário Madeirense*. Fac-símile da Edição de 1946. Funchal. DRAC. 1998 [3.ª ed.].
- VERDELHO, Evelina. *Linguagem Regional e Linguagem Popular no Romance Regionalista Português*. Lisboa. Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. 1982.